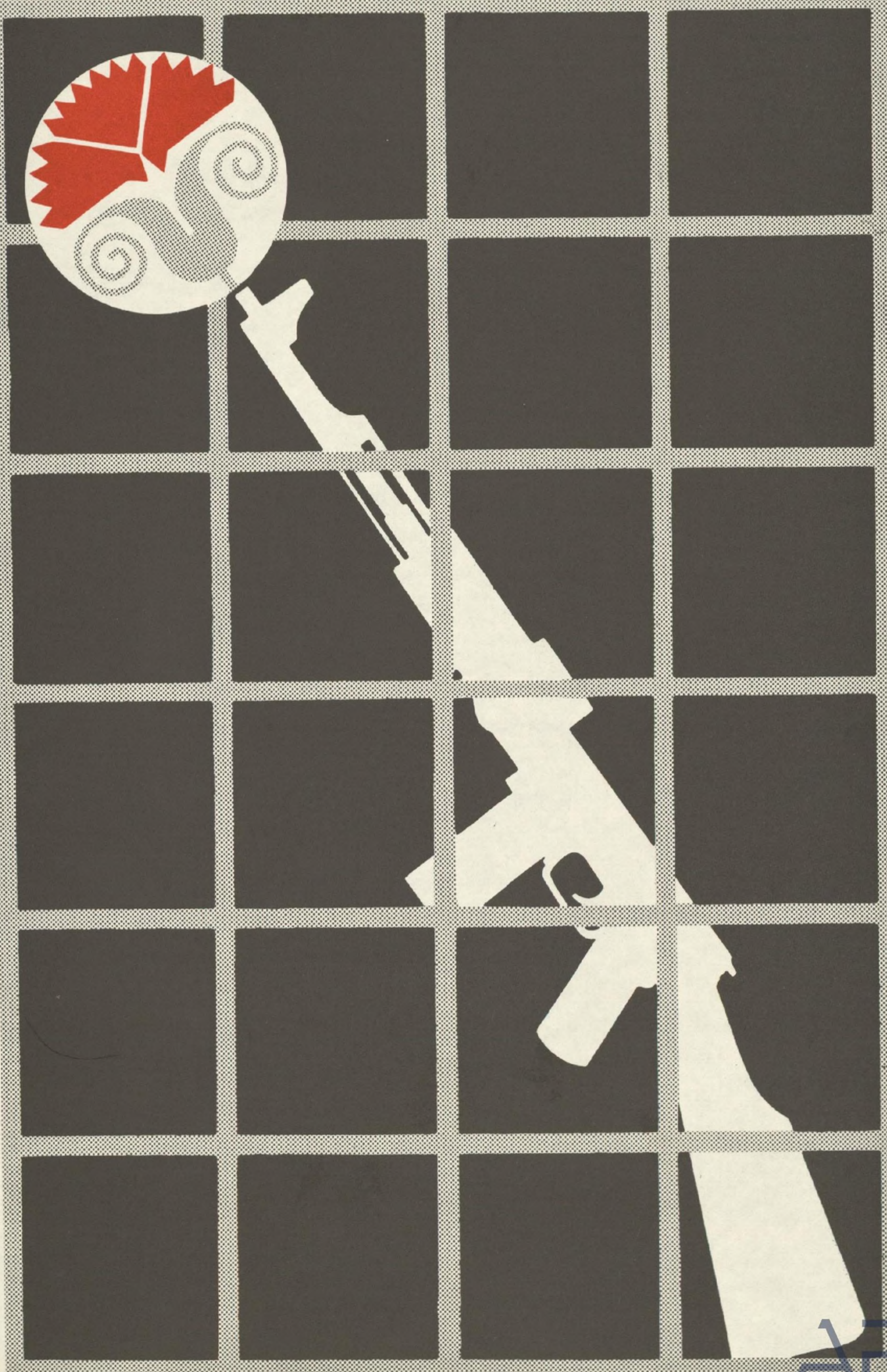




BOLETIM INFORMATIVO

2

Associação de Familiares dos Militares Revolucionários Presos



ABM

suplemento

MILITARES PRESOS

Maj. Antônio Augusto Cuco Rosa
Maj. Nuno José Varela Rubim
Maj. Carlos José Campos de Andrada
Maj. Mário Antônio Baptista Tomé
Maj. Eduardo Diniz L. dos Santos Almeida
Cap. Ten. Manuel Marques Pinto
Cap. Luís Pessoa
Cap. José Manuel Lopes Gameiro
Cap. Nuno Santos Ferreira
Cap. Francisco Manuel Faria Paulino
Cap. Antônio Luís da Fonseca P. Modesto
Cap. José Rodrigues Andrade
Cap. Jerônimo de Deus Ferreira de Matos
Ten. Vitor Manuel da Silva Godinho
2º Ten. Américo Rodrigues Soares
2º Ten. Luís Carlos Vieira Ferreira
Ten. Ernesto Jorge Ferreira Cariz
Alf. João Manuel Roque Gomes
Alf. César Jorge Moura Silvério
Alf. Edmundo Emílio Mão de Ferro Martinho
Alf. Flávio Sanches da Silva
Alf. Luís Victor Pereira Lima
Alf. Ernesto Manuel Pina Parracho
Alf. Alexandre Manuel dos Santos Paiva
Alf. Joaquim Marques Roldão
Alf. João Manuel Ferreira Branco
Alf. Antônio Manuel Rodrigues Morais
Alf. José Antônio da Silva Gomes
Alf. Artur João Brites dos Santos
Asp. Carlos Henrique G. da Silva de Noronha
Asp. Albino Pedro Anjos Lopes
Asp. Cipriano José das Dores Ricardo
Asp. Luís Manuel Álvaro Noronha Botelho
1º Sarg. Joaquim Moura Pedro
1º Sarg. Amadeu Martins Coelho da Silva
1º Sarg. Vitor Manuel da Cunha Luís
1º Sarg. João Américo Carrapato Saragoça
1º Sarg. José Antônio das Dores Jacinto
1º Sarg. Ernesto Baptista Marreiros
1º Sarg. Amândio da Alegria Patacas
1º Sarg. Orlando Octávio Baixinho
Furriel Antônio Gomes Carmona
Furriel José Alfredo Costa Rodrigues
Furriel Ernesto Martins Ramos
Furriel Abel Borges Esteves Lopes

Furriel José Carlos Lages Guimarães
Furriel José Maria Valinhos Nascimento
1º Cabo Pedro Manuel de Sousa Figueiredo
Ten. Coronel Artur Baptista
Maj. Arnão Metelo
Maj. Arlindo Dias Ferreira
Maj. Barão da Cunha
Cap. Tasso
Comandante Gouveia
Cap. Rui Ferreira Rodrigues
Cap. Cheta
Maj. Fernando Queiroz Azevedo
Cap. Nuno Álvaro dos Santos Silva
Cap. Manuel Jorge Barbosa Pereira
Cap. Jorge Alves
Alf. Orlando Graça e Silva Pereira
Sarg. Reis
1º Sarg. Amadeu Alves
1º Sarg. Agostinho Antônio Pina Gonçalves
Cap. Antônio Várzea
Cap. Marçalo
Cap. Pinela
Sarg. Serigado
Sarg. Ciro
Sarg. Mata
Sarg. Álvaro Neves
Sarg. Godinho
Sarg. Vieira Sousa
Cap. Porfírio Aires Marques dos Santos
1º Sarg. José Gonçalves Morais
1º Sarg. Renato da Silva Dias
1º Sarg. Mário Armando Guilherme Correia
1º Sarg. Fernando Santos Cristo
1º Sarg. Fernando da Silva Augusto
Soldado Jorge Arnaldo C. Gomes
Soldado Fernando Martins Rodrigues
Soldado Antônio Cabaça Almeida
Soldado Rui Manuel Severino Almeida
Soldado José Francisco Gonçalves Mateus
Soldado Antônio José
Soldado Antônio Luís Alves Nunes
José Antônio Lameirinhas
Carlos Pereira
José Daniel da Silva Moura
Francisco Alves Costa
Vitor Gonçalves Carrilho
Armando Jesus F. Cabrita
Aníbal Martins Domingos
Viriato M. Jordão F. Sousa

Cap. de Mar-e-Guerra Vasco Costa Santos
Cap. de Mar-e-Guerra José P. de Figueiredo
Cap. Ten. Almada Contreiras
1º Ten. Miguel Judas
1º Ten. Ferreira da Silva
Cabo Andrez

MILITARES SEM REFORÇO ALIMENTAR

Ten. Godinho
Furriel Balsemão
Sarg. Neves

Cap. Belo
 Alves Costa - Civil
 Carricho - Civil
 Cabrita - Civil
 Domingos - Civil
 Alf. Coelho
 Ten. Miranda
 Cap. Moreira
 Sarg. Felício
 Sarg. Rebocho
 Sarg. Costa
 Sarg. Chinta
 Sarg. Sousa
 Alf. Correia
 Cap. Correia
 Soldado Gomes
 Soldado Rodrigues
 Soldado Almeida
 Soldado Rui Almeida
 Civil Carlos Matos
 Cabo Regateira
 Ten. Esteves
 Alf. Ramos
 Furriel Boa Estrela
 Sarg. Alves
 Soldado Nunes
 Alf. Ferreira
 Civil Raul Moreira
 2º Ten. Ferreira
 1º Sarg. Pedro
 2º Ten. Américo Soares
 Civil Viriato Sousa
 Sarg. Fernando Augusto
 Furriel José Nascimento
 Cap. Jerónimo Mota
 Sarg. Dias
 Sarg. Morais
 Furriel Guimarães
 Furriel Lopes
 Alf. Branco
 Alf. Roldão
 Sarg. Orlando Baixinho
 Cap. Andrade
 Sarg. Patacas
 Major Rosa
 Alf. Gomes
 Furriel Rodrigues
 Furriel Carmona
 Sarg. Marreiros
 Sarg. Jacinto
 Alf. Silva
 Alf. Mão de Ferro
 Sarg. Silvério
 Alf. Gomes
 Sarg. Cristo
 Soldado Ferreira
 Alf. Luís Gottschalk
 Civil Nuno Ferreira

BOLETIM

2

Dezembro 75

SUMÁRIO /

1. Editorial
2. Um Natal em 1975
3. Caravana da Esperança / Custórias
 Militares Revolucionários Presos
 Cartas / Militares e Famílias
 Recortes / Imprensa
 Lutas
 Poemas
 A Confusão dos Oportunistas
 Suplemento

Nota: Deste número, foi entregue um exemplar ao Conselho da Revolução. Qualquer alteração, escrita ou gráfica que eventualmente possa surgir posteriormente não é da responsabilidade da A.F.M.R.P.

FICHA TÉCNICA /

- Direcção
 Associação Famil. Militares Revol. Presos
- Redacção
 Famil. Militares Revol. Presos
- Dactilografia
 Famil. Militares Revol. Presos
- Gráficos
 Famil. Militares Revol. Presos
- Fotografia
 Famil. Militares Revol. Presos
- Tradução
 Famil. Militares Revol. Presos
- Distribuição
 Famil. Militares Revol. Presos
- Documentação / Seleccionada e compilada
 Famil. Militares Revol. Presos
- Contactos
 Comissão Famil. Militares Revol. Presos
- Proprietária / Comissão de Fundos
 Assoc. Famil. Militares Revol. Presos
 Av. Duque de Loulé. 111 - 4º Esq. Lisboa
- Colaboração especial
 Povo Amigo! Colabora conosco
 Envia-nos a tua opinião e participa na
 Nossa Luta

Editorial

Em 25 de Abril de 1974 caiu o fascismo em Portugal, volvidos que são 20 meses os nossos familiares os que mais se empenharam no seu derrube, são hoje as primeiras vítimas do seu ressurgimento. Os que, em 25 de Novembro saíram de armas na mão para atacarem os seus próprios companheiros, esses, não foram os nossos familiares. O 25 de Novembro não foi um golpe de esquerda, nem os nossos familiares tiveram qualquer participação contra-revolucionária; disso, temos a certeza.

Uma rápida análise faz-nos lembrar o que tem sido a nossa luta e dá-nos a força necessária para continuar enquanto não forem libertados e reabilitados publicamente aqueles que tudo arriscaram pelo avanço da revolução, com a mesma pureza com que, juntamente com outros camaradas a sonharam e concretizaram em 25 de Abril de 1974.

A finalidade da nossa luta não é simplesmente libertar da cadeia os nossos familiares, vamos mais longe: nós queremos que toda a verdade seja aclarada desde a elaboração dos inquéritos ao julgamento público, através do qual o povo português tenha conhecimento de quem de facto maquinou o 25 de Novembro.

Exigimos ainda, que as comissões de inquérito não partam, para a sua investigação, de idéias pré-concebidas. Eles não são juizes. Eles têm que ser unicamente inquiridores objectivos e honestos. Pelas cartas que recebemos dos nossos familiares sabemos que as perguntas dos inquiridores vão dirigidas a um ponto concreto: demonstrar que os nossos familiares estavam implicados num "golpe". Este procedimento, além de ser ilegal, é ilógico. Para "isso", não são precisas as comissões de inquérito. Sabemos quem são os vencidos, gostávamos de saber quem são os vencedores. Sabemos que o povo está conosco, a sua solidariedade tem sido constante, o seu apoio incansável a sua companhia física e moral permanente. Sentimos a certeza da nossa actuação, concretizada pela venda em poucos dias de 30000 autocolantes, por se ter esgotado em poucas horas o 1º número do Boletim, por nós editado para esclarecimento da população em geral.

Poder-se-á duvidar do apoio popular que nos chega incessantemente através de cartas, palavras amigas e gestos fraternos?

Tiveram alguma vez os familiares dos pides o apoio e a solidariedade do povo?

E nós agora perguntamos: Porque é que os processos do 28 de Setembro e 11 de Março não estão ainda concluídos de forma a poderem ser julgados?

Estariam por acaso à espera de um 25 de Novembro que lhes desse a força para poderem levantar a 'cabeça'? Só um julgamento público poderá trazer à luz do dia a verdade.

Façam-no que nós não temos medo. Como se pretende confundir libertadores e carrascos? Todas as tentativas de identificação do 28 de Setembro, 11 de Março e 25 de Novembro estão certas porque efectivamente foram sempre tentativas da reacção mas nós não vamos discutir com ninguém. Nós não vamos dispersar esforços. Não nos desviarão do nosso objectivo. A nossa força moral, a nossa dedicação ao povo, o nosso amor pela revolução é igual à dos nossos familiares.

A nossa incansável devoção à causa da justiça e da liberdade é a mesma que iguala os Militares Revolucionários presos, nossos Maridos, nossos Pais, nossos Filhos, nossos Irmãos.

Seguiremos, pois. A LUTA CONTINUA.

A LUTA CONTINUA!

UM NATAL EM 1975

UM NATAL EM 1975.

Como poderei eu referir-me a uma palavra cheia de amor e beleza, como poderei eu referir-me a uma quadra festiva em que a sua base é a família, como poderei eu descrever o que será esta noite para tantas mães, tantas mulheres, tantas crianças, e tantos amigos cujos seus entes mais queridos se encontram presos só porque tentaram defender os mais desfavorecidos, só porque fizeram o 25 de Abril, só porque lutaram por um Portugal livre, só porque trabalharam incansavelmente por um País Novo?

Não terá a nação uma dívida para com os nossos homens?

Não terá o povo, o verdadeiro povo, que os defender e clamar pela sua imediata libertação?

Quem vai consolar estas famílias quem vai suavizar a mágoa que em tantos corações oprimidos semeia raízes de ódio angústia e desespero?

Um Natal! Um Natal que não vai existir em muitos lares, uma quadra enegrecida e aprisionada, tal como os cravos vermelhos no cano das espingardas dos nossos valentes homens. É preciso que a luta continue sempre, que o sol nasça todos os dias com mais força, que os nossos cânticos quebrem os muros e grades que nos separam, que as crianças não chorem, mas sorriam, que o povo se imponha com toda a força da maioria que é, que a nossa quadra festiva seja uma quadra de luta, que todos nós saibamos que os nossos homens são homens honestos e bons e que a história nos fará justiça e nos absolverá. Que mais pode um espírito desfeito e revoltado dizer-vos?

Coragem, amigas, os nossos filhos e os nossos companheiros precisam da força da nossa luta, precisam sobretudo do nosso carinho, do nosso amor e da nossa bondade. Lutemos pois, todos para que o sentimento que nos destroça nesta quadra festiva ressalte aos olhos do povo e se sobreponha aos corações mais sensíveis das nossas crianças.

CARAVANA DA ESPERANÇA

IDA AO PORTO - CUSTÓIAS
(2a. visita - 14/12/75)

Eram dois autocarros cheios de familiares e amigos dos revolucionários presos em Custóias. Em cada coração a ânsia de rever os entes queridos e dizer-lhes o quanto estavam sofrendo com as iniquidades cometidas por aqueles que tanto falam em liberdade e democracia. Liberdade e democracia tantas vezes decantadas, o que não impede de serem cometidas as maiores arbitrariedades, mantendo-se incomunicáveis, em condições humilhantes, os revolucionários progressistas, cujo único crime consiste em estarem sempre ao lado do povo, lutando por uma pátria livre do jugo imperialista, caminhando rumo ao socialismo. Chegamos ao Porto às 4 horas da manhã e ali já nos aguardavam companheiros e amigos que, numa demonstração de infatigável solidariedade e carinho, conseguiram acomodações para todos nós em suas casas. Às 9.30 dirigimo-nos à prisão de Custóias e tivemos mais uma vez a decepção de saber que continuavam proibidas as visitas, podendo apenas serem entregues as cartas e os pacotes trazidos por familiares e amigos. Uma quantidade enorme de presentes anônimos, com carinhosas mensagens, demonstrando a solidariedade do povo, foi encaminhada aos presos. No entanto, podia-se observar as lágrimas e o sofrimento

das mães, esposas e filhos, que não puderam abraçar os entes queridos e transmitir-lhes pessoalmente o quanto se sentiam orgulhosos de saber que mantinham o ânimo forte, apesar de estarem sofrendo as humilhações e agruras de uma iniqua prisão. Uma mãe chorava porque o seu filho não a quis receber. Tratava-se de um dos 23, cuja incomunicabilidade fora levantada e que, solidário com os demais companheiros, não quis receber a visita dos seus familiares, enquanto não fosse extensiva a todos. Essa demonstração de unidade, dá-nos a certeza de que seremos vencedores em nossa batalha.

Um jovem jornalista, tentou tirar fotografias do aparato bélico dentro da prisão, na hora em que saía uma viatura, e foi violentamente levado por um oficial da GNR para o interior, onde lhe foi retirado o rolo da máquina fotográfica. Não satisfeito com essa valentia, esse mesmo indivíduo ainda saiu de revolver em punho, tentando amedrontar as pessoas que ali se encontravam. Desvanecidas as esperanças de poder entrar na prisão, dirigimo-nos para os fundos da cadeia e começamos a entoar canções revolucionárias iniciadas com "Grandola, Vila Morena". As vozes saíam entrecortadas e a cada canção



entoada os nossos companheiros respondiam com idênticos cânticos e podiam-se escutar as palavras de ordem, que saíam aos borbotões: "Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos", "o povo está aqui", "A vitória é certa, unidos venceremos!".

À tarde, concentrámo-nos em frente ao Quartel General da RMN, tentando entregar às autoridades um abaixo-assinado dos familiares, denunciando as arbitrariedades cometidas. Novamente, vimos ser tomada a máquina fotográfica de um companheiro, denunciado por um reacionário que se encontrava próximo, e não foi possível a entrega do documento ao oficial de serviço, uma vez que aquele militar voltou ostensivamente as costas às pessoas que faziam parte da Comissão de Familiares dos Presos.

À noite, realizou-se na Faculdade de Letras do Porto uma sessão de esclarecimento sobre a situação dos revolucionários presos. O recinto estava literalmente cheio notando-se o enorme entusiasmo da assistência, que aplaudia incessantemente os oradores. Nessa ocasião, foi formado o Comitê de Apoio aos Militares e Civis presos em Custóias, encabeçado pelo Dr. Rui Luís Gomes e José Morgado.

Finalizando, foi feito um convite a todos os presentes para comparecerem no dia seguinte a uma grande manifestação de solidariedade aos presos, em frente à prisão de Custóias. Domingo pela manhã, outra vez estivemos no presídio e novamente foram infrutíferos os nossos apelos. Não pudemos visitar os nossos presos, apenas os pides e os presos comuns tiveram direito de receber suas visitas. Sem dar ouvidos às provocações e às intimidações feitas por um oficial da GNR, dirigimo-nos de novo para os fundos da prisão e novamente entoamos as nossas canções, numa demonstração de firmeza revolucionária. À tarde, de novo voltamos aos muros da cadeia e então assistimos a uma comovente manifestação, onde mais de mil pessoas, entre familiares, amigos e uma massa de populares entoavam canções e palavras de ordem revolucionárias, que se alternavam com a resposta dos nossos presos. Como uma última mensagem aos que lá estão, despedimo-nos gritando, "Companheiros, camaradas, amanhã voltaremos!" Para terminar, devemos dizer que a nossa luta continua. Unidos todos lutaremos até à libertação final dos militares e civis presos em 25 de Novembro.

MILITARES REVOLUCIONARIOS PRESOS

25 de Novembro, 1975

Por detrás das grades, tratados como criminosos, estão aqueles a quem há bem pouco tempo chamavam de heróis.

Passeiam entre quatro paredes numa extensão de 2X2 m de superfície, ansiosos por poderem gritar ao mundo e ao povo português em especial, a injustiça de alguns, contra outros, que arduamente lutaram durante 19 meses para conseguirem uma sociedade sem classes, onde todos tivessem os mesmos direitos, onde não houvesse explorados nem exploradores, onde a cada um coubesse o fruto merecido do seu trabalho.

Isolados em celas onde a humidade corre pelas paredes, numa cadeia cuidadosamente estudada para impor aos presos o rigor do inverno, (pois para isso todas as celas são viradas ao Norte) onde a única fonte de arejamento é uma janela que a ser aberta torna a

temperatura ambiente imprópria para um ser humano. Há a acrescentar as precárias condições de alimentação e higiene. São as famílias e os amigos, sabe-se lá com que dificuldades, que enviam encomendas de roupas e alimentação, para melhor ajudarem a suportar todo esse calvário, na esperança que num futuro próximo os poderão de novo abraçar e dizer-lhes que é preciso continuar. A vitória é difícil, mas é essa dificuldade que lhe dá o justo valor e a força para poderem continuar até ao fim, numa causa que é afinal a de todos nós. A incomunicabilidade que há muito ultrapassou as 48 horas previstas na lei em vigência no código de justiça militar continua.

É do conhecimento de todos nós os distúrbios psíquicos a que estão sujeitos aqueles que se encontram em tais condições. Por mui-

to estranho que vos pareça, são os pides que se encontram na prisão, que mais facilmente se movimentam.

Dados os métodos de repressão que estão a ser utilizados contra os militares presos, podemos concluir, que passando por cima de todas as directrizes, são os próprios pides que dirigem a prisão.

Contradições de uma sociedade:

Aqueles que arriscaram as suas vidas defendendo o povo de golpes contra-revolucionários, oferece-se a prisão e o riso de escárnio dos guardas; aos outros, aos opressores dá-se a liberdade e tudo o que dela advém. É preciso lutar para que os antifascistas presos, regressem aos seus postos de trabalho.

É preciso punir os verdadeiros responsáveis pelos atentados à democratização da nossa pátria, julgá-los e aplicar-lhes o justo castigo.

Companheiros, não vos deixeis abalar por essa vossa situação. Vencei o medo que por vezes se apodera de vós. pois sois os pioneiros da luta de libertação. Ocupai os vossos espíritos, preenchei todas essas horas que agora tendes livres e repensai a REVOLUÇÃO.

Nós todos, os que estamos verdadeiramente empenhados num Portugal livre, continuaremos a vossa luta, a luta de todos nós. O povo de Portugal espera-vos!

CARTAS

MILITARES PRESOS ENVIAM CARTAS
ÀS SUAS FAMÍLIAS
(Custóias - Dez.75)

CARTA A UM FAMILIAR
DO MAJOR DINIZ DE ALMEIDA

Querida prima:

Mais calmo, escrevo-te agora a respeito da tal "denúncia" de camaradas.

É rematadamente falso e infame! Trata-se de uma dupla campanha de divisão e difamação. Tal afirmação além de me difamar, visa afastar-me dos meus camaradas. A defesa contra tal atitude será a seguinte:

Juntar os familiares dos militares detidos, adverti-los dos perigos e objectivos dessa campanha e aconselhá-los dos riscos referidos, uma vez que a comunicação entre nós é difícil e então entre as diferentes prisões, mesmo impossível.

Creio também que, numa próxima reunião, dada pelos familiares tal situação deve ser mencionada. Repito:

Não foi nenhum golpe de Estado, pelo menos que eu me tivesse apercebido.

Eu apresentei-me voluntariamente, porque a situação era definida, (era a contestação ao CMTD da Região de Lisboa) estava a ser ultrapassada para uma situação que me confundia e o meu superior hierárquico, (Gen. Otelo) se encontrava detido ou retido, decidi en-

tão apresentar-me, dando, aliás, cumprimento a uma ordem do Presidente da República nesse sentido.

Tem-se especulado com a minha apresentação. Especialmente que eu "confessara o golpe". Tal não é verdade.

Eu não posso confessar um golpe que não existiu. Limitei-me a assumir as responsabilidades da tomada de posição de defesa de Otelo, que estou convencido, também não estava a par de qualquer imaginário "golpe de Estado". É perfeitamente plausível que o termo golpe tenha sido o empregue, mas eu uso-o muito, aliás como todos os militares para designar situações tais como por exemplo o afastamento do Otelo do comando da Região Militar de Lisboa. A isso chamamos nós um golpe do Conselho da Revolução. Este exemplo é um dos muitos em que o termo "golpe" não tem a mínima acepção de Golpe de Estado. É claro que depois desta campanha toda vai ser difícil convencer o "pagode" do contrário. É esta a verdade. Aliás não tinha necessidade de te mentir. Além de que eu não minto

Um grande abraço,
Eduardo

P.S.-como posso eu denunciar pessoas de um Golpe de Estado que não creio ter existido?

" REVOLUCIONÁRIOS FORA DAS PRISÕES, JÁ "
" OPERÁRIOS, SOLDADOS, A MESMA LUTA "

■
Querida mãe

Não há dúvida que se os senhores que ajudamos a por no poder e que prepotentemente o utilizaram para nos afastar pensando que prendiam a Revolução enganaram-se!

É comovedor o vosso esforço e apoio, assim como o dos trabalhadores e personagens cujo passado atesta bem de que lado sempre estiveram.

Por vezes chegam às lágrimas aos olhos, não de tristeza ou ódio, mas de orgulho por todas essas provas de solidariedade.

Penso mesmo que o nosso injusto sacrifício não merece tanto, pois, quando penso no sofrimento de tantos companheiros e da exploração e opressão que a esmagadora maioria da população sofre acho injustificado.

Então, que tal a nossa afinação? A vossa era perfeita. Como vê, há sentimentos que nem grades nem muros podem deter.

Quanto a ânimo não falta, nem que seja no fim do mundo!!!

Um beijo de estima e amizade do seu filho amigo.

■
Minha querida

Ao fim e ao cabo, no meio de tudo isso, quem está a sofrer mais és tu. Mas tem um pouco de paciência e coragem, minha querida, em breve, espero, alguns destes aborrecimentos estarão passados.

Não posso também passar sem me sentir revoltado com esta tremenda injustiça e traição que nos fazem e ao fim e ao cabo, fazem ao povo Português. Mas não me sinto vexado. Pelo contrário, sinto orgulho. São quem luta por uma causa justa, por um ideal, é quem encontrará as barreiras que se opõe a essa luta. E uma das barreiras é esta, é a traição, é a cela que nos quer limitar, mas sem poder.

Tenho a certeza na vitória final e por isso também esta passagem pela prisão é uma experiência. Estas 4 paredes e estes exíguos metros onde se tem que viver, ensinam-nos a reflectir e causticam-nos para a luta, fazendo germinar com mais intensidade a revolta. A revolta contra os escroques, contra os

traidores, contra a exploração. Por isso, os traidores enganam-se quando pensam que encerrando-nos nos calarão, pararão a nossa luta, calarão o povo. Enganam-se, e estão a dar mais força à razão. Estão a convidar o povo, sem quererem, a reflectir, dar-se conta dos seus verdadeiros inimigos. Não o enganarão, embora pensem que sim, com a demagogia da falsa informação "apartidária".

O que importa, minha querida, é que tu tenhas coragem, consigas ultrapassar este mau momento.

Eu, podes crer, apesar de tudo, estou confiante, optimista e sobretudo de cabeça erguida, porque para mim a prisão não é um castigo, é um prémio. Digamos que esta é mais uma medalha que, junto às poucas que já tenho, contra a injustiça, na luta por um Portugal melhor.

■
Querida

E agora vou contar-te como passamos cá o tempo. Como é natural, lemos, escrevemos e dormimos bastante. Os nossos contactos são feitos sobretudo gritando às janelas uns para os outros. Dessa maneira discutimos as formas de luta a desenvolver, fazemos as nossas comunicações etc.. É assim que discutimos os comunicados a enviar para o exterior, etc.. Tem que se gritar um pouco mais, mas desta forma fazemos comícios e sobretudo criamos a unidade de luta entre nós e convosco. É um bom exercício para a voz e para o ouvido. Habitamos o ouvido a perscrutar e entender mesmo os murmúrios. Não haja dúvida que até por isto a prisão é uma experiência, custosa mas útil.

Tem-nos constado cá que o movimento de solidariedade conosco e convosco, tem aumentado e que até o Porto está a sentir a onda desse movimento. É verdade? Será bom que assim seja. Muito embora me custe, sobretudo por ti, mas aceitarei de bom grado este injusto sequestro, se isso contribuir para despertar no povo a consciência de quem são os seus inimigos, a consciência da traição que lhe fazem os que agora servindo-se do seu poder lhe mente, o engana, para um dia o calcar, amesquinhar, explorar.

Costuma-se dizer que o sangue dos mártires dá novas vidas. Oxalá que este nosso sacrifício sirva também para reavivar, renascer, esclarecer o poder de um povo que de uma vez para sempre tome nas suas mãos o poder. É difícil. As traições, os oportunismos, a exploração serão um grande travão mas apesar de tudo tenho esperanças nos destinos deste povo sempre desprezado.

Nesta rubrica a Comissão de Familiares dos Militares Revolucionários Presos, dá conhecimento de alguns extractos que a Imprensa Diária tem vindo a publicar.

SETENAVE DÁ O EXEMPLO

Pela libertação dos antifascistas presos

"Perante o perigo do fascismo, traduzido na escalada repressiva que se abate sobre a classe operária e as massas trabalhadoras, os delegados sindicais da SETENAVE decidiram por unanimidade, eleger um comité de luta pela libertação dos militares e civis antifascistas presos" - afirmou um dos elementos deste Comité de Luta da Setenave, o qual é composto, além dos seis camaradas eleitos entre os delegados sindicais, por dois elementos do CTS (Conselho de Trabalhadores da Setenave), dois da GASLIMPO, dois da ENI e ainda dois da EDIFER.

(Jornal República)

JORNALISTAS ESTRANGEIROS

Trinta jornalistas democráticos estrangeiros, representantes de órgãos de informação (Imprensa, Rádio e TV) europeus, brasileiros, canadianos e norte-americanos apresentaram ao Presidente da República Costa Gomes uma petição no sentido de lhes ser facultado visitarem os militares detidos em Custóias. No documento, para o qual solicitam "uma resposta rápida na sala da Imprensa do MCS" os subscritores salientam que "mais do que nunca neste momento" deve ser assegurada "a maior liberdade de Informação, garantida em Portugal depois do 25 de Abril".

Assinam a petição os representantes dos seguintes jornais:

"Paese Sera" (Itália); "Le Quotidien de Paris" (França); "Rádio Suisse Romande" (Suíça); "DEP Milano" (Itália); "Simon, Bonn" (BRD); "Corriere del Ticino" (Suíça); "Canadian

Broadcasting" (Canadá); "Sygma, Paris" (França); "Lotta Continua" (Itália); "National Public Radio" (USA); "Fotolib" (França); "Jornal do Brasil"; "Pacific Radio" (USA); "Libération" (França); "RTVE" (Espanha); "AFIP" (França); "Temoignage Chrétien" (França); "Diário Pueblo" (Espanha) "IPS Avanti" (Itália); "A.P. Liberation" (Bélgica); "Pasquim" (Brasil); "Report" (Inglaterra); "Gamma-Liaison" (França); "CDN University Press" (Canadá); "ABC News" (USA); "Politique Hebdo" (França); "Seven Days" (USA); "Maclean's Magazine" (Canadá); "Viva" (França); "Politisk Revy" (Dinamarca).

(Diário de Lisboa)

ADVOGADOS APREENSIVOS

Com a possibilidade de transferência para a prisão da Guarda.

Realizou-se na noite passada, em Lisboa, um encontro de advogados de Lisboa e Porto para se ocuparem dos aspectos mais urgentes da assistência forense aos militares e civis detidos em 25 de Novembro último.

Os advogados presentes (Duarte Vidal, Levy Baptista, Alcina Bastos, Margarida Carmona, Sousa Castro e Augusto Santos), que representavam mais de cem colegas, encararam os problemas da incomunicabilidade ilegal dos referidos detidos, da impossibilidade de os advogados contactarem com os seus constituintes e os resultantes da localização do estabelecimento prisional de Custóias, muito distante das residências habituais da maioria dos detidos, não permitir uma eficaz assistência forense e familiar aos mesmos detidos.

Durante a reunião, foi manifesta a apreensão quanto a informações que têm surgido relativamente à possibilidade de transferência dos detidos para a prisão sanatório da Guarda, o que a verificar-se dificultaria ainda mais assistência forense e familiar aos detidos.

AEPPA E URAP

Entretanto o Secretariado da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses enviou uma mensagem ao Presidente da Assembleia Constituinte, Prof. Henrique de Barros, manifestando perante a situação actual o seu eventual desenvolvimento "o sentimento de que se torna necessário defender a liberdade, a democracia e a via socialista de perigos claros e imediatos".

(Jornal Diário de Lisboa)

PROVOCAÇÕES

Ontem à tarde, quando os familiares dos detidos se afastavam já da cadeia de Custóias, de regresso à cidade do Porto, registou-se um breve incidente com o condutor da viatura MS-70 87 o qual, segundo diversos elementos presentes teria instigado, em voz alta, as forças da GNR a "correr com aquela gente dali". O condutor da viatura, acompanhado da esposa, perante a reacção de grande número dos presentes pôs-se em fuga, mas pouco adiante foi detido pelas dificuldades do trânsito nas vias de acesso a Custóias. Diversas pessoas cercaram a viatura incentivando o seu condutor e criticando àesperamente o seu comportamento. Alguns mais exaltados ainda pretenderam danificar o automóvel tendo sido impedidos de proseguir por familiares dos detidos que pediam calma e que não se respondesse a provocações reaccionárias daquele estilo.

(Jornal Diário de Lisboa)

CUSTÓIAS: PPD E PS FAZEM BARRICADAS

Elementos ditos afectos ao PPD e PS estão a montar barricadas e a fazer piquetes nas estradas que convergem para o estabelecimento prisional de Custóias, perto do Porto. Procura-se assim impedir o acesso dos fami-

liares e amigos dos militares antifascistas ali presos, desde os acontecimentos de 25 de Novembro.

(Jornal República)

APOIO DA AEPPA AOS PRESOS DE CUSTÓIAS

Numa carta enviada ao Major Tomé (ex-segundo comandante da PM) detido actualmente na prisão de Custóias, a AEPPA manifesta a sua solidariedade e camaradagem que une aquela associação a todos os antifascistas pondo-se à disposição de todos os militares revolucionários presos. Assim a comissão jurídica da AEPPA composta por vários advogados dispõe-se participar na defesa dos oficiais presos.

(Jornal República)

MILITARES PRESOS EM CUSTÓIAS DISPOSTOS A FAZER GREVE DE FOME

Correspondendo ao apelo feito pelo Conselho Revolucionário de Moradores do Porto, alguns milhares de pessoas concentraram-se ontem junto ao topo Norte da prisão de Custóias para demonstrarem o seu apoio aos militares de esquerda ali detidos, os quais anunciam estar dispostos a iniciar uma "greve de fome até à morte" se a sua situação não for de qualquer modo alterada até ao Natal. Este propósito de os militares presos na sequência do 25 de Novembro foi revelado pelo teor de uma moção que os manifestantes aprovaram e que será enviada ao Presidente da República, bem como ao Primeiro Ministro e ao Conselho da Revolução. Cerca das 15 horas, já se ouviam diversas palavras de ordem, tais como "Revolucionários fora das prisões, já" e "Operários, soldados, a mesma luta". Dentro da prisão os militares presos cantavam e gritavam "O POVO VENCERÁ. A LUTA CONTINUA!", e foi-se estabelecendo, assim, um diá-

RECORDES

| 11

logo entre o interior e o exterior, que acabava sempre com palmas. Pouco depois, a multidão começou a entoar o "Grandola, Vila Morena", enquanto bandeiras vermelhas eram agitadas.

Segundo informações dadas pela esposa de um dos presos, até ao passado dia 19 apenas tinham sido ouvidos 59 dos cento e tal detidos após o 25 de Novembro.

Este facto e o de não se saber qual o futuro próximo daqueles militares têm originado um amplo movimento de solidariedade.

Daí a moção a que nos referimos na abertura, dirigida ao Chefe do Estado, na qual se afirma designadamente:

"Milhares de pessoas presentes no topo norte da cadeia de Custóias, em moção submetida à aprovação por aclamação, vem junto de vossa Excelência exigir a libertação imediata dos presos revolucionários, detidos após os acontecimentos de 25 de Novembro, até ao Natal. Foi ainda lido um comunicado da comissão de luta da Polícia Militar no qual se refere que o "25 de Novembro foi um golpe de direita" e que "as organizações democráticas de soldados foram esmagadas e os oficiais progressistas metidos na totalidade, na prisão".

Mais tarde numerosos manifestantes solidários com os militares detidos após os acontecimentos de Novembro concentraram-se junto ao Quartel General da Região Militar do Norte, gritando sem cessar "libertação ime-

diata dos antifascistas presos" e "A vitória é certa, A LUTA CONTINUA".

Familiares dos detidos foram então recebidos pelo Major Azevedo Dias.

(Jornal Diário de Notícias)

"PARAS" PRESOS EM CUSTÓIAS DESEJAM BOAS-FESTAS AO POVO PORTUGUÊS

Saudações Revolucionárias

Não deixamos, nesta, como em qualquer outra situação, de lhes desejarmos feliz Natal e que prosperidade lhes venha no novo ano que se aproxima

Vos saúda, como nós, os combatentes dos nossos ideais, que se encontram, e para estender, a familiares e ao nosso povo, que, mais do que sempre, soldados e burgueses parados aqui presos, ao lado de nós estão.

Por um bom Natal

Bom Natal para o Povo Português
Dito pelo sempre por Portugal socialista

(Jornal República)

última hora

Dia 24 às 5 horas

Tivemos neste momento conhecimento, através de comunicado lido na Emissora Nacional que foram transferidos de Custóias para o Forte de Caxias os seguintes militares revolucionários:

Major Rubim; Capitão-tenente Marques Pinto; Capitães Barbosa Pereira, Santos Ferreira, Santos Silva, Ribeiro Pessoa e Lopes Gameiro; Tenente Godinho; 2ºs. Tenentes Vieira Ferreira e Américo Soares; Aspirantes Anjos e Cipriano das Dores Ricardo; 1ºs. Sargentos Pina Gonçalves, Francisco António dos Reis, Joaquim Moura Pedro, Victor da Cunha Luís, Amadeu da Silva e Mário Guilherme Correia.

LUTAS

Em apoio à luta que vimos desenvolvendo, pela libertação imediata dos militares revolucionários presos, que restituíram ao povo português as liberdades fundamentais estatuídas nos direitos do homem na tentativa de criação de uma sociedade nova e mais justa, rumo ao socialismo, tendo vindo a receber inúmeras cartas e moções de plenários de trabalhadores de solidariedade revolucionária.

Assim transcrevemos:

"Senhor Presidente da República, os signatários transmitem a V.Exa. texto com cerca de 5000 assinaturas solicitando seja concedida audiência para que directamente possam transmitir suas preocupações e desejo de contribuir para a defesa das conquistas democráticas do 25 de Abril.

Não podemos calar a nossa profunda e crescente inquietação em face das medidas que, não obstante a notória carência de informações, sabemos terem sido tomadas nos últimos dias pelas forças actualmente no poder e que comprometem gravemente o processo revolucionário português rumo ao socialismo. Entre essas medidas, incluem-se a prisão de muitas dezenas de militares revolucionários, que fizeram o 25 de Abril ou, depois serviram a revolução, e a demissão e afastamentos de outros militares que têm igualmente servido o processo revolucionário português. É porém evidente que todos esses militares são indispensáveis ao combate essencial do nosso povo. Consideramos inaceitável que, numa tentativa de manipulação da opinião pública, se confundam companheiros de luta antifascista e em prol do socialismo com elementos contra-revolucionários, equiparando-os injuriosamente aos militares reaccionários do 11 de Março.

Como é também evidente que outras das medidas tomadas, a suspensão das liberdades de reunião, expressão e manifestação, constitui uma clara ofensa do programa do MFA e atinge uma das conquistas fundamentais do 25 de Abril, além de que, a prolongar-se por mais tempo, não deixará de constituir uma ameaça à unidade popular democrática e socialista, de que a direita e o fascismo se aproveitarão.

Por outro lado, também o congelamento da

contratação colectiva, medida que abrange entre outros sectores a construção civil e os metalúrgicos, visa anular conquistas já alcançadas pelas massas trabalhadoras. Por todas estas razões, vimos erguer perante V. Exa. o nosso mais indignado protesto e exigir:

A imediata libertação e reintegração de todos os militares revolucionários presos, demitidos ou afastados.

O imediato restabelecimento das liberdades de expressão, reunião e manifestação.

O imediato levantamento de todas as medidas anti-operárias.

Mário Ruivo, Alcina Bastos, Artur Ramos, Bernardo Santareno, Caldeira Rodrigues, Duarte Vidal, Fernando Piteira Santos, Isabel da Nóbrega, José Correia Pinto, José Joaquim Fragoso, Levy Baptista, Luiz Francisco Rebelo, Luiz Moita, Luiz Sttau Monteiro, Maria Lamas, Mário Murteira, Orlando de Carvalho, Pereira de Moura, Ramon de La Féria, Rui Cabeçadas"

COMISSÃO DE MORADORES DE TROINO-Setúbal

(Moção enviada ao Conselho da Revolução e ao Presidente da República)

A Comissão de Moradores do Bairro de Troino de Setúbal, exige a imediata libertação de todos os militares revolucionários presos e a imediata reintegração de todos os militares revolucionários presos, perseguidos e saneados; e fim da designação de contra-revolucionários.

Não ceder uma única conquista da Revolução/Viva o controlo operário/Viva a reforma agrária/Viva o Poder Popular.

■ Camaradas "Paras" e todos os revolucionários presos:

Desejo-vos que o Ano Novo seja diferente do de 75, para vós e para o povo português, já que o Natal não o será, estes são os votos. E peço-vos encarecidamente que não desaniméis pois se nos "bastidores" há alguém que debaixo da capa do "socialismo" tenta também levar o país para a outra senhora e se

faz subir no poder fazendo de degraus vidas humanas há também alguém que tenta fazê-los afundar com o poder e dar o poder a quem trabalha que é quem o merece, nem que isso lhe custe a cabeça.

Viva a Revolução Socialista

Viva o Poder Popular

Saudações revolucionárias para todos vós.

(Um ex-alferes miliciano do Exército)

■
Amigas - Boas Festas

Neste momento, eu sei que vos sentis muito tristes e que o Natal vai ser um dia triste para todas. Mas lembrem-se que têm muitas mães e esposas com o pensamento em vós e nos nossos heróis, que neste momento estão presos. E temos que ter coragem todos, porque só o tempo abrandará o mal que nos estão a fazer. Nós aqui somos um grande grupo, propomos a nossa casa à vossa disposição para o que for preciso. E coragem amigas. Saudações Revolucionárias.

(M. Luisa Santos-R. José Tagarro, 60. Cartaxo)

■
SOLIDARIEDADE

Posição dos Militares Presos no Forte de Oeiras

Atendendo,

I. À situação ilegal em que se encontram os militares presos em face dos acontecimentos do 25 de Novembro;

II. Às arbitrariedades que se verificam no seio da Armada, residências fixas, destacamentos, licenças compulsivas, etc..;

III. Às condições desumanas, além da ilegalidade citada no ponto um, em que se encontram os camaradas presos em Custóias;

Os oficiais e praças presos no Forte do Areeiro em Oeiras, decidem:

A) Recusarem-se a receber qualquer visita em quanto não tiverem conhecimento do levantamento da incomunicabilidade a todos os camaradas presos em Custóias.

B) Afirmarem a sua determinação de continuarem a luta pelo restabelecimento da legalidade e cessação das perseguições em curso na Armada.

Forte do Areeiro, Oeiras, 17/12/1975.

Vasco da Costa Santos-Cap. M.G.; José Pinto de Figueiredo-Cap. M.G.; Carlos de Almada Contreiras-Cap. Ten.; Ferreira da Silva-1º Ten Miguel Judas-1º Ten. EMQ; António Andrez-Cabo.

■
APELOS

Carta dirigida à: "Amnesty International"
Cimade-176, Rue de Grenelle. Paris.

&

Carta dirigida ao Presidente dos advogados democratas, Jean Jacques de Felice, 17 Av. Messiné - 8º Paris.

Dirigimo-nos a vós em nome das liberdades essenciais ameaçadas, e dos direitos que assistem aos prisioneiros.

Falamos-vos em nome dos militares presos, desde o 25 de Novembro, em Portugal.

Desejamos alertar a atenção da opinião pública internacional.

Os militares revolucionários portugueses estão em incomunicabilidade interna há 20 dias, as visitas de familiares estão-lhes proibidas. Estão encerrados em celas de 2X2m de superfície, sem culpa formada.

Alguns foram já submetidos a interrogatórios por uma comissão de inquérito, sem que lhes tenha sido posto fim à incomunicabilidade.

Esta situação contraria, no seu conjunto, a Convenção de Genebra sobre as condições de sobrevivência dos prisioneiros, assim como o Código de Justiça Militar (art. 411; art. 421) Uma comissão de advogados portugueses, constituída por cerca de 100 elementos, já está formada. Tem a sua sede no Porto e por Presidente o Prof. Rui Luiz Gomes.

Esta Comissão já expediu telegramas ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução e ao Promotor da Justiça - Dr. Palma Carlos; sobre a ilegalidade da gravíssima situação, acima descrita, sem quaisquer resposta.

Solicitamos a vossa ajuda no sentido de endereçar, no mais curto espaço de tempo, mensagens exigindo o julgamento imediato dos prisioneiros militares de 25 de Novembro, assim como tudo o que por bem acharem fazer.

As nossas saudações democráticas

■
NA MESMA LUTA

Uma família de Lisboa, abdicou este ano das suas prendas de Natal, em testemunho de solidariedade com a Associação de Familiares dos Militares Revolucionários Presos, oferecendo-nos esse dinheiro - 5 000\$00.

Poemas

Por cada soldado
Por cela abandonada
Daremos as mãos
E cantaremos juntos

Lembremos outra vez
Aquele dia luminoso
Em que o soldado se fez Povo
E voltaremos a pensar
Que estamos outra vez unidos

(L.N.)

É preciso não chorar
Se choramos aceitamos.
É preciso não aceitar

(Agostinho Neto)

Há muitos que são alguém
Mas no mundo onde alguém são
Nunca seriam ninguém
Se alguém não lhes desse a mão

Gosto do preto no branco
Como costumam dizer
antes perder por ser franco
que ganhar por não o ser

Há luta por mil doutrinas
Se querem que o mundo ande
Façam das mil pequeninas
Uma só doutrina grande

Que importa perder a vida
Em luta contra a traição
Se a razão mesmo vencida
Não deixa de ser razão

(Poeta Aleixo)

Saibamos todos
Continuar o grito
Por ti soltado contra a ditadura.
E, da derrota total do fascismo,
Há-de nascer a força da Democracia;

(R.M.G.)

A QUEM A SOLIDARIEDADE
FEZ VIR AO NOSSO ENCONTRO
NUM GRANDE ABRAÇO
SAUDADE

A vós todos
Homens e Mulheres

A quem o sono faltou
A vontade despertou
Porque a injustiça marcou

A quem nesta ocasião
Soube encontrar um irmão
E perguntou a razão

A quem nada obrigou
Mas quase tudo doou
Porque em nós acreditou

E a quem sobre a prisão
Soube fazer união
Através de uma canção

Nosso obrigado será
Lutar sempre, mesmo aqui
Porque o Homem viverá
Tendo a verdade por si.

(Custórias 14/12/1974)